

## “O Eu soberano”?

Por Geraldino Alves Ferreira Netto

Campinas, novembro de 2023.



O título “O eu soberano” (Ensaio sobre as derivas identitárias) de Elisabeth Roudinesco, Zahar, 2022, pode ser mal entendido ou mal interpretado, se tomado ao pé da letra, como se ela estivesse defendendo este conceito como psicanalítico. Em minha opinião, o título foi escolhido em forma de um sofisma, uma afirmação propositalmente enganadora, como ficará demonstrado.

O atual movimento internacional das derivas identitárias, contrário ao freudismo, por não aceitar o conceito de escolha inconsciente, retoma a postura que já foi defendida em 1939 pelos psicanalistas da Ego Psychology. E cometem o mesmo equívoco, por uma leitura enviesada do texto freudiano, que está completando, neste ano, o seu centenário, de quando Freud propõe, em 1923, a segunda tópica: *Das Ich und Das Es*, traduzido como *O Ego e o Id*, Imago, vol. XIX, pág. 13.

O equívoco consistiu em crer que, propondo uma segunda tópica, Freud estaria substituindo a primeira pela segunda, desvalorizando o inconsciente e valorizando o ego da consciência. A proposta de Freud foi, ao contrário, corroborar a primazia da primeira tópica sobre a segunda.

Houve um trio famoso de psicanalistas composto pelos emigrados Rudolph Lowenstein, Ernst Kris e Heinz Hartmann, que se incorporaram ao freudismo norte-americano, cuja proposta era a integração e adaptação (inadequadas) do homem na sociedade. Não por acaso, o grupo se denominava Psicologia do Ego (nem Psicanálise nem Inconsciente). A partir de 1970, defendiam uma identidade sexual, heteronormativa. Reduziram a psicanálise a uma psicologia tão empobrecida que, desde 1953, Lacan assumiu bravamente a missão de retorno a Freud e à primeira tópica.

Com relação ao título do livro de Roudinesco, Freud já tinha insistido em dizer que o “Ego (consciente) não é soberano na própria casa”, cabendo esta responsabilidade ao eu inconsciente. Então, nossa soberania deriva das nossas pulsões (Freud, *Os instintos e suas vicissitudes*, 1915, Imago, vol. XIV, pág. 155).

Sendo assim, Roudinesco está dando a entender que o grupo das derivas identitárias, fora

da psicanálise, é que defende a soberania do eu. A líder deste grupo, Judith Butler, nega a proposta psicanalítica de que o gênero é resultado de uma escolha psíquica e afirma que *o gênero é um fato sociológico que tende a congelar as práticas sexuais nos papéis hierarquizados e fixados pela moral e pela política* (A querela do gênero, Paul Kardous, ágalma, 2023, pág. 23).

Ao contrário da Psicologia do ego, o grupo das derivas identitárias não é composto de psicanalistas, mas de ideólogos identificados com a herança behaviorista norte-americana, afirmando que nosso comportamento é simplesmente performático, segundo as exigências do meio ambiente.

Este grupo acusa ignorantemente a Psicanálise de ser heteronormativa, quando, desde 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vol. VII, da Imago, pág. 123, Freud deixou claro que todos somos bissexuais, e que podemos utilizar todas as formas de sexualidade como versões diferenciadas de prazer, bastando respeitar o consentimento dos possíveis parceiros, dentro da ética do desejo, sem juízos morais ou de valor.

Com o tempo, a Psicologia do Ego passou a ser chamada de Psicologia do Self, o qual continuaria a ser autônomo como o antigo Ego.

Em 1960, Heinz Kohut destaca-se como chefe da Escola da Psicologia do Self e ficou famoso, em 1964, ao introduzir o termo Self como o “Si grandioso”.

Agora podemos entender o título do recente livro de Roudinesco. Sendo profunda conhecedora de Freud e Lacan, escrevendo sempre na língua francesa, ela domina bem a terminologia freudiana do *Ich* e do *Das Ich* (Eu e o Eu), sujeito e objeto, correspondentes, no francês, ao *Je* e ao *moi*. Entretanto, o título original de seu livro, traduzido como *Eu Soberano*, é outro: *Soi-même comme un Roi*. Tradução: *O Si mesmo (Self) como um Rei*. Ela não escolheu nem o *Je* e nem o *moi*. O *Si* é gramaticalmente objeto e não sujeito do verbo.

O ‘eu’ que consta nesta tradução seria o eu cartesiano, da velha e sábia Filosofia, isto é, da consciência, da razão, da Psicologia, nunca o ‘eu’ dividido, sujeito do inconsciente, único dono de sua própria casa. Então, Roudinesco, no título, está se referindo mesmo, debochadamente, à pretensão de que a consciência seja nosso guia, e que morra a primeira tópica!

A atual sigla LGBTQIA+ não é outra coisa que a continuação das versões possíveis (per-versões, ou várias versões) segundo Freud; e père-versions, ou versões do pai e da lei, segundo Lacan: heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, exibicionismo, voyeurismo,

sadismo, masoquismo ou seja: HBEVSM+. Um *Self-service* bem surtido e opcional.

Seria ainda preciso evocar Simone de Beauvoir, para quem não se nasce mulher ou homem, torna-se? E a psicanalista brasileira, Letícia Lanz, que nascera como homem biológico, Geraldo, casou-se, teve filhos, depois transicionou em mulher e continuou casado/a com a antiga esposa, sem nenhuma intervenção cirúrgica, mas simplesmente falando no divã psicanalítico? Perguntada por que fez isso, responde: criatividade, escolha.

Por outro lado, que tal esquecermos para sempre a tese do médico e criminalista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) que criou a teoria do criminoso nato, condenado a cometer crimes, sem chance de outra escolha, portanto inimputável e sem responsabilidade?